

### 13) "Queres ser curado?"

A humildade não consiste somente "em dizer-se inferior e mais vil que todos, não só com a boca, mas que também o creia no íntimo pulsar do coração" (RB 7,51).

Cada um de nós entende que esta humilde consciência íntima do coração não está em nosso poder. Esta é, com certeza, a coisa que menos está em nosso poder, de todas as outras. O nosso coração é, talvez, a realidade da nossa vida, respeito o qual, somos mais impotentes. O nosso coração é livre também, com relação a nós mesmos. Todavia, não deveria ser livre como um animal selvagem, mas como um filho. "Os filhos são livres" (Mt 17,26). Portanto, o nosso coração é, realmente, a matéria, por excelência, a qual devemos deixar Deus agir. No coração se trabalha, sobretudo, através da oração. O nosso único poder sobre o nosso coração é o de rezar, de mendigar, com ele e por ele, para que este se torne intimamente humilde em sua afeição, em seu sentimento, em sua auto-consciência. Pedir a Deus a humildade do nosso coração é o único poder que temos sobre nossa conversão interior, mas é um imenso poder que pode mudar toda a nossa vida, libertar toda a nossa vida e abri-la à graça da vida filial e uma verdadeira fecundidade do amor.

Se o bom ladrão tomou, ele mesmo, a iniciativa de pedir a Jesus para salvá-lo, na maioria das vezes é Jesus quem toma a iniciativa de nos perguntar se queremos a Salvação, que Ele veio nos oferecer. Na realidade, é sempre Deus quem toma a iniciativa da Salvação, mesmo se as vezes parece o contrário.

Na minha juventude, cantava uma canção religiosa italiana sobre este tema, que dizia: "No fundo eu não existia e Ele me criou, eu não existia e Ele me amou, no fundo, Ele tomou a iniciativa, então, que medo temos? Não existia a luz, não existia a cor, não existia amizade, o tempo e o amor, no fundo, Ele tomou a iniciativa, então, que medo temos? Apenas a ingratidão nos faz esquecer que Deus não começa senão para terminar ..." (Claudio Chieffo, *A iniciativa*).

O paraplégico na piscina de Betesda (Jo 5,1-16), era, no fundo, também ele um crucifixo como o ladrão. Foi pregado à sua cama por 38 anos. Até o dia em que Deus toma a iniciativa de ir pessoalmente a ele, mesmo que seja em meio a "uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paraplégicos" (Jo 5,3). A iniciativa vem do coração de Jesus, que é um coração atencioso, de Jesus que encontra o homem com seu olhar atento: "Jesus vendo-o deitado e, sabendo que há muito tempo estava assim, disse-lhe: 'queres ser curado?'" (Jo 5,6).

Jesus o viu, em meio a todos, e interessou-se, particularmente, por ele. Perguntou sobre ele. Talvez porque viu que era o mais triste, o mais abandonado, o mais sozinho. O interesse que Jesus lhe dirige se torna relação, diálogo, e um diálogo que interpela imediatamente a liberdade: "Queres ser curado?". Jesus interroga a vontade deste homem, seu desejo, aquilo que realmente quer. Nada é óbvio para Cristo. Todos diriam: Claro que quer ser curado! Que pergunta! Quem não gostaria de se curar?

Vejo aqui uma analogia notável com a pergunta que São Bento coloca a todos no prólogo da Regra, citando o Salmo 33: "Quem é o homem que quer a

vida e deseja ver dias felizes?" (Prol 15.). É como se a Regra e a nossa vocação beneditina começassem no exato momento em que Jesus vê o parálítico e lhe faz a pergunta: "Queres ser curado?".

Quem quer a vida, quem quer a saúde, quem quer a salvação?

Devemos sempre voltar a esse ponto no caminho do seguimento de Cristo. A vida e as circunstâncias interiores e exteriores, nos levam constantemente a este ponto, querendo ou não. Devemos sempre voltar alí, onde Jesus, vendo a nossa miséria e tendo compaixão de nós, toma a iniciativa de far-se próximo e de nos perguntar: "Queres ser curado? Queres a vida?".

A condição de todo progresso é de voltar alí, onde Deus toma a iniciativa de consultar a nossa liberdade. Questioná-la para a chamar a quê? Para receber a graça da saúde, da salvação.

Jesus fará imediatamente o milagre, mas pede o consentimento do homem à sua graça; o consentimento a que a sua misericórdia, a sua compaixão pudessem exprimir-se no lugar de nossa miséria. É importante voltar sempre alí, onde Deus tem a iniciativa, porque é alí que Deus manifesta a sua graça, a sua gratuidade original e eterna.

Toda a Regra nos educa a isto. Quando iniciamos os ofícios, voltamos à fonte gratuita da iniciativa divina; quando começamos ou terminamos um serviço para a comunidade; quando nos é pedido a humildade, pobreza, obediência sem demora, o silêncio, o perdão recíproco ... Toda vez S. Bento nos pede gestos, orações, atitudes internas, através dos quais, voltamos alí onde Deus tomou a iniciativa de salvar-nos, curar-nos, de dar-nos a vida. Toda vez que um irmão cometer um erro, mesmo depois de ter sido excomungado, a cura, a salvação, a reparação consistem em voltar à graça da iniciativa salvífica. E humildade é isto.

Porém, para que isto seja verdadeiramente eficaz, precisamos de uma purificação da vontade. "Queres ser curado?", pergunta Jesus. O homem poderia e deveria responder simplesmente "sim" ou "não". Bastaria "sim" para que Jesus o curasse. Ele o diz, mas de um modo que trai nele uma disposição que não é, completamente, correta. Precisa converter-se na verdadeira liberdade de sua vontade de acolher a graça de Deus.

Diz: "Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; enquanto vou, já outro desceu antes de mim" (Jo 5,7).

Este homem quer se curar, mas, ao longo dos anos, as objeções à este desejo tornaram-se mais forte que a confiança na possibilidade de sua realização. Quando Jesus pergunta se quer se curar, ao invés de responder simplesmente "sim!", faz objeções, aquelas de sempre, aquelas de todos os dias. E, com o tempo, as objeções coincidem com a culpa dos outros: "não tenho ninguém que me ajude e outros passam em minha frente; não tem ninguém que me ama e todos os outros são melhores do que eu. Só o egoísmo dos outros impede a minha cura".

Para ele, a vida não é que impotência frustrada, solidão desiludida e competição ciumenta. Todos somos miseráveis, todos precisamos de cura, e isto, ao invés de criar solidariedade entre nós, nos coloca uns contra os outros.

Mas o verdadeiro problema é que este homem não espera mais nada de Deus. Está todo concentrado na sua própria incapacidade de alcançar a piscina, naquilo que os outros não fazem por ele e naquilo que os outros obtêm para si mesmos, então esquece que o milagre da água de Betesda não é que um sinal da ação de Deus, não é que um sinal que deveria educar todos os doentes a esperar a saúde e a salvação, do amor onipotente do Senhor.

Nós, também, quantas vezes e de quantas maneiras caímos no estado interior deste homem. Também neste caso, a Regra descreve bem todas estas atitudes de pretensão desiludida, que fazem murmurar interiormente o monge, que o paralisam em um descontentamento, que somente os outros são os responsáveis.

Certamente, a nossa miséria é real, a nossa paralisia pessoal é um fato, e é verdade que precisamos de ajuda, amor, atenção, apoio; mas corremos sempre o risco de esquecer que Aquele quem realmente precisamos é Deus, e que Deus, se tomou a iniciativa de criar-nos, amar-nos, resgatar-nos, chamar-nos, certamente realizará a nossa cura, a nossa salvação.